

Práticas linguageiras ritualísticas como sistema semiótico complexo: diversidade nos estudos em antropologia da linguagem

RESUMO

Fábio Luiz Nunes

fabio.nunes.fn@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Práticas linguísticas cerimoniais funcionam sob a condição de dispositivos centrais na organização sociopolítica das comunidades humanas. Com base nesses pressupostos, o presente texto avalia minuciosamente a obra *The Oxford handbook of ritual language* (2024), organizada pelo pesquisador mexicano David Tavárez. A resenha percorre as seis seções temáticas da obra, as quais investigam dos percursos históricos até as interseções entre a fala ritual, a dominação colonial, cosmovisões e processos de sociabilidade. Os referidos estudos superam antigas dicotomias teóricas, comprovando as densas cargas semânticas atreladas a esses complexos atos performativos. Desse modo, fica demonstrado que a comunicação ritualística figura como um espaço para intensas disputas ideológicas, firmando a publicação como referencial bibliográfico absolutamente indispensável aos pesquisadores contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem ritual. Antropologia da linguagem. Linguagem e cultura. Pragmática. Performatividade.

TAVÁREZ, David (ed.). **The Oxford handbook of ritual language**. Oxford (Reino Unido): Oxford University Press, 2024. (Oxford handbooks in linguistics). 624 p. ISBN: 978-0-19-286809-1.

Como já afirmava o sociólogo francês Durkheim (1912), a linguagem humana detém um valor simbólico primordial para a organização das práticas sociais. Enquanto sistema e, ao mesmo tempo, dispositivo, ela possui a capacidade de executar ações performativas que alteram a realidade social (Austin, 1990). Tendo como ponto de partida esses pressupostos, *The Oxford handbook of ritual language* (Oxford University Press, 2024), organizado por David Tavárez, aprofunda a investigação da linguagem em uma visada pragmático-antropológica. A obra apresenta uma divisão interna em seis seções temáticas que progridem do histórico ao contemporâneo: “Ritual language in history and anthropology” (parte um); “Rethinking ritual language in method and theory” (parte dois); “Ritual language, colonialism, and state hegemony” (parte três); “Ritual language, cosmology, and identity” (parte quatro); “Ritual speech and the arts of sociability” (parte cinco); e “Ritual language, mediation, and pluralism” (parte seis). Até a data de elaboração da presente análise, o manual não dispunha de tradução para a língua portuguesa.

O organizador do livro é David Tavárez, antropólogo, linguista e historiador. Nascido em Ciudad Juárez, no México, Tavárez completou sua formação de base no Harvard College (1992) e obteve o doutoramento em história e antropologia pela University of Chicago (2000). Atualmente, ele ocupa a posição de professor de antropologia na Vassar College, localizada no estado de New York, Estados Unidos da América. Seu trabalho investigativo concentra-se na etno-história, no estudo de intelectuais indígenas e nas práticas religiosas e cosmológicas (particularmente dos Nahuas e dos Zapotecas, sociedades autóctones que habitavam e habitam o território mexicano) no contexto colonial latino-americano. A produção desse pesquisador inclui monografias premiadas, como *The invisible war* (2011) e *Rethinking Zapotec time* (2022).

Os capítulos iniciais da obra são de autoria do próprio organizador e traçam um histórico cultural da linguagem ritual¹ sob o colonialismo, detalhando processos como a inscricionalidade, a comensurabilidade e a hegemonia lexicográfica. Subsequentemente, é feita uma prospecção do tratamento antropológico conferido à linguagem ritual, por meio do que se recuperam as contribuições de figuras fundadoras como F. Boas, É. Durkheim, B. Malinowski e desenvolvimentos posteriores com V. Turner, S. Tambiah e R. Rappaport. Essa seção introdutória é fundamental, porque prepara o terreno para a análise do ritual como um sistema semiótico complexo, e não como um conjunto de atos desprovidos de significação, na esteira do que afirma Penner (1985).

A segunda parte do manual, chamada “Rethinking ritual language in method and theory”, busca dar conta da discussão a partir de enfoques teórico-metodológicos contemporâneos. O trabalho de Kristina Wirtz, por exemplo, trata da operação cronotópica e sonora do ritual, demonstrando como as *performances* rituais organizam e produzem configurações espaciotemporais e sonoras específicas. Paul Christopher Johnson, por sua vez, lança luz sobre o que chama de “linguagem do segredo”, analisando os códigos restritos e as dinâmicas de poder associadas ao conhecimento oculto e revelado.

Ainda na segunda parte, o texto de Janet McIntosh discorre sobre a linguagem ritual da militarização, pelo que mostra que o treinamento militar costuma empregar uma linguagem performativa para reconfigurar a identidade e a subjetividade dos recrutas. O estudo de McIntosh faz claro diálogo com a proposição de que a linguagem ritual tem uma função primariamente *situacional*, em detrimento de uma função *informativa*, pois seu objetivo principal não é transmitir novos dados, mas criar e inserir os participantes em uma situação conhecida e repetível, como a de se tornar um soldado. Esta, a propósito, é a posição de pesquisadores como Wheelock (1982). Por fim, Timothy W. Knowlton dedica-se à linguagem na cura ritualística, inventariando os recursos prosódicos, gramaticais e discursivos mobilizados em práticas terapêuticas e as diferentes teorias sobre sua eficácia.

A terceira parte da obra direcionará o foco, então, para as relações de poder em contextos marcados pela dominação colonial e pela autoridade estatal. Jennifer Scheper Hughes investiga a linguagem ritual e o trabalho sagrado no México, centrando-se no sistema de cargos. Margaret Bender e Thomas N. Belt analisam o discurso e os textos rituais no cristianismo Cherokee primitivo. Abdelmajid Hannoum, por seu turno, discute a regra colonial, a modernidade e os rituais de poder real no Marrocos. Courtney Handman investiga a relação entre ritual, mídia e o *aqui-e-agora* da descolonização. Magnus Fiskesjö é o autor que encerra a seção; ele traz uma análise da linguagem ritual e das confissões forçadas na China. Os capítulos dessa seção mostram ao leitor que a avaliação e a função da linguagem ritual estão intrinsecamente ligadas a ideologias linguísticas que lhes cobrem, as quais, segundo Robbins (2001), determinam a confiabilidade atribuída a diferentes formas de comunicação como um campo de disputa política e social.

Dedicando-se às interconexões entre práticas linguísticas rituais, a estruturação de cosmologias e a conformação de identidades individuais e coletivas, a quarta parte do livro inicia-se com um texto sob autoria de Sergio Romero. Em “Language, ritual, and political legitimation in colonial Guatemala”, esse autor investiga a resiliência dos rituais de ascensão maias no contexto colonial, documentando como as elites nativas e os missionários dominicanos negociavam a legitimidade política por meio da adaptação de discursos cerimoniais. Essa negociação entre diferentes ideologias linguísticas, uma cristã e outra fundamentada no militarismo pós-clássico maia (*ajawarem*), evidencia que o ritual produz signos indexicais de autoridade contextualmente validados (Robbins, 2001). O capítulo de Paul Liffman, “Indigenous territoriality and the mediation of space and scale in ritual language”, apresenta um estudo do povo Wixarika no México, explorando de que forma a *performance* ritual, incluindo a nomeação de sítios ancestrais, funciona enquanto ato de reivindicação territorial. O autor desenvolve a noção de *laminação discursiva* para descrever o processo pelo qual os cantos xamânicos são traduzidos para públicos mais amplos, fato que demonstra uma função criativa da linguagem ritual na construção de novas ordens sociais e políticas (Csordas, 1987). Já Alexandre Surrallés, em “Affectivity and repetition in Amazonian ceremonial welcoming dialogues”, concentra-se nos diálogos cerimoniais do povo Candoshi, propondo que a intensidade afetiva é diretamente proporcional ao grau de repetição verbal. A esse respeito, Siridova (2000) aponta que a reiteração incessante de fórmulas rítmicas permite a passagem de um estado de tensão para um de confiança, o que demonstra a centralidade da comunicação verbal na modulação de contextos rituais.

Os capítulos subsequentes continuam a trabalhar as relações entre linguagem, cosmologia e identidade em diferentes contextos etnográficos. Abelardo de la Cruz, em “Language, Nahua life-cycle rituals, and indigenous identity”, descreve os rituais de ciclo de vida entre os Nahua da Huasteca, como o primeiro banho de um recém-nascido. O autor mostra ao leitor que a linguagem ritual em náhuatl é o canal indispensável para a transmissão de noções como *tonalli* (força anímica) e para a integração do indivíduo na comunidade, o que ilustra uma ideologia linguística local que atribui eficácia performativa a uma língua específica em detrimento de outras (Robbins, 2001). Bruce Mannheim, autor do último capítulo da quarta unidade, defende que as práticas rituais quéchuas, como o consumo de folhas de coca (*hallpay*) e as oferendas queimadas (*haywarisqa*), projetam uma ontologia na qual entidades não humanas, como montanhas e a terra, são, com efeito, interlocutores ativos. Essa comunicação com o inumano, afirma Sidorova (2000) é central para a vida social e amplia a compreensão sobre as funções da linguagem ritual para além da interação meramente humana.

“Ritual speech and the arts of sociability”, a quinta parte do livro, agrupa capítulos que analisam a linguagem ritual em sua capacidade de criar e manter laços sociais. Paul Manning trata da articulação entre o ato de beber e o de falar em rituais, com especial atenção aos brindes georgianos. O autor avalia que a bebida e a palavra se calibram mutuamente em uma *performance* que confirma (e afirma) os laços sociais, em que o ato físico de beber completa a força ilocucionária do enunciado verbal. Sonia N. Das, no texto “Ritual language and police discretion”, investiga como a linguagem ritualizada dos procedimentos policiais (leitura de direitos e acusações formais, por exemplo) é instrumentalizada por um oficial de polícia para se distanciar e evitar o engajamento com o discurso racista de um civil. Csordas (1987) acredita que esse uso estratégico de um gênero formalizado de fala serve para gerenciar uma interação social tensa, transformando a relação entre os participantes. Em “Ritual language in West Africa: participation and performance”, Nikolas Sweet põe em causa a noção de “participante” em um ritual, sustentando que a participação é uma posição que vai além da copresença física. Sweet mostra que objetos materiais e o discurso reportado estendem a agência e a presença ritual no tempo e no espaço, elaborando signos indexicais de pertencimento que operam à distância (Robbins, 2001). Por último, Sean O’Neill, em “Language, worldview, and rituals of daily social interaction”, conecta as cerimônias de renovação mundial do noroeste da Califórnia às interações cotidianas. Segundo ele, a cosmovisão se manifesta tanto em grandes rituais públicos quanto em pequenos atos de fala diários, como tabus e insultos.

A sexta e última unidade da obra compõe-se de quatro capítulos que estudam a linguagem ritual como um processo de mediação entre escalas, pessoas e domínios socioculturais. Adam Harr, em “Scalar poetics in ritual language”, analisa a “poética escalar” para mostrar como as *performances* rituais desenvolvem canais entre ordens de tempo e espaço distintas. Por meio do caso de candidatos políticos na Indonésia que empregam registros ancestrais, o autor esclarece que o paralelismo e outras qualidades poéticas da fala ritual produzem legitimidade ao conectar o microevento da campanha a uma ordem macrocósmica e ancestral, um uso político do discurso cerimonial que encontra paralelos em outros contextos (Hagene, 2015). A poética escalar, assim, funciona sob a condição de uma técnica para “situar” os eventos e os participantes dentro de uma moldura de autoridade transcendente (Wheelock, 1982).

Por sua vez, Louis Römer, em “Rituals of mourning and the poetics of Papiamentu talk radio”, aborda a migração da poética das narrativas do trickster Anansi, originárias dos rituais de luto (*Ocho Dia*) em Curaçao, para o discurso político em programas de rádio. Essa transposição de um gênero ritual para um novo meio de comunicação exemplifica a função criativa da linguagem ritual, que fornece modelos narrativos para a interpretação de eventos contemporâneos e a imaginação de futuros possíveis, tese defendida por autores como Csordas (1987).

Os capítulos finais da obra dão conta de uma análise da mediação e do pluralismo na linguagem ritual. Morgan Siewert, em “Ritualized learning and endangered languages”, examina o papel da linguagem ritualizada no contexto de revitalização da língua indígena anishinaabemowin no Canadá. A autora sustenta que o uso de discursos roteirizados e memorizados, como diálogos de saudação, mitiga a ansiedade de aprendizes com baixa proficiência oral, permitindo-lhes participar ativamente e construir sua identidade como falantes. A natureza previsível e repetitiva de tais discursos, que prioriza a função de *situar* o falante na comunidade em detrimento da função de *informar* (constantemente reiterado por Wheelock, 1982), transforma-se em um recurso pedagógico e identitário de suma relevância.

Já Nishaant Choksi investiga a invenção de novos sistemas de escrita, como o Ol-Chiki e o dos Apaches ocidentais, fato que mostra como suas formas gráficas frequentemente codificam práticas rituais corporificadas e cosmologias. Nesse contexto, a escrita deixa de ser um mero código desincorporado, uma vez que é parte do próprio “contexto de ação” ritual (Wheelock, 1982), operando como modalidade criativa de engajamento com a tradição em face de novas realidades sociopolíticas (Csordas, 1987). Tal qual em outros domínios da vida política, essas inovações linguísticas, salienta Hagene (2015), buscam outorgar legitimidade às práticas comunitárias.

Como se pode notar, o material organizado por D. Tavárez apresenta-se como uma contribuição fundamental para o campo, consolidando o entendimento contemporâneo da linguagem ritual. A coletânea supera binarismos estabelecidos em estudos seminais. A separação estrita entre uma “fala situacional” (Wheelock, 1982), supostamente carente de conteúdo informativo, e a fala ordinária é problematizada pelo conjunto dos trabalhos, que demonstram as densas cargas semânticas e pragmáticas dos enunciados rituais. De forma semelhante, a obra permite reavaliar a tese de que o ritual opera sob o estatuto de canal de comunicação seguro em oposição direta à linguagem verbal, cuja confiabilidade dependeria da ideologia linguística local (Robbins, 2001). Os estudos reunidos indicam que a própria linguagem ritual é, portanto, um objeto de disputas ideológicas e de complexa gestão da veracidade, não sendo um domínio isolado de garantia da verdade. A presente coleção resenhada torna-se, dessa maneira, um referencial indispensável para a pesquisa avançada em antropologia da linguagem.

NOTA

1 - Em termos gerais, a linguagem ritual trata-se de um registro linguístico especializado, empregado em contextos cerimoniais e sagrados, que se diferencia da comunicação cotidiana por seu elevado grau de formalismo, repetição de fórmulas, presença de arcaísmos e de um léxico característico. Sua função primordial é claramente performativa e situacional, com o que objetiva instaurar, manter ou transformar realidades sociais, cosmológicas e individuais por meio da própria enunciação. Ela opera em íntima conexão com atos não verbais, gestos e objetos, compondo um sistema semiótico complexo e multidimensional.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Trad. Danilo M. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CSORDAS, T. J. Genre, motive, and metaphor: conditions for creativity in ritual language. *Cultural Anthropology*, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 445-469, 1987.

DURKHEIM, É. Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie. Paris (França): Félix Alcan, 1912.

HAGENE, T. El lenguaje ritual y su uso político: evidencia de un pueblo originario en el Distrito Federal, México. *Cuicuilco, Distrito Federal (México)*, v. 22, n. 63, p. 11-31, 2015.

PENNER, H. H. Language, ritual and meaning. *Numen*, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 1-16, 1985.

ROBBINS, J. Ritual communication and linguistic ideology: a reading and partial reformulation of Rappaport's theory of ritual. *Current Anthropology*, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 591-614, 2001.

SIDOROVA, K. Lenguaje ritual. Los usos de la comunicación verbal en los contextos rituales y ceremoniales. *Alteridades, Distrito Federal (México)*, v. 10, n. 20, p. 93-103, 2000.

TAVÁREZ, D. (ed.). *The Oxford handbook of ritual language*. Oxford (Reino Unido): Oxford University Press, 2024.

WHEELOCK, W. T. The problem of ritual language: from information to situation. *Journal of the American Academy of Religion*, [s. l.], v. 50, n. 1, p. 49-71, 1982.

Recebido: 30 mar. 2026

Aprovado: 2 jun. 2026

DOI: 10.3895/rl.v28n52.21630

Como citar: Nunes, F.L. Práticas languageiras ritualísticas como sistema semiótico complexo: diversidade nos estudos em antropologia da linguagem. *R. Letras, Curitiba*, v. 28, n. 52, p. 124-130, jan./jun. 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

